

HARRY
STEPHEN
KEELER

AS NOITES DE SING SING

Traduzido do original inglês (Estados Unidos da América)

JOSÉ BARÃO

Revisão Literária de

MARCELINO AMARAL

LIVRO
B

ÍNDICE

CAPÍTULO I — TRÊS CAVALHEIROS	11
CAPÍTULO II — ONDE ENCONTRAMOS O SENHOR CHANG.	24
CAPÍTULO III — O SORRISO DE «CARA DE LUA».	29
CAPÍTULO IV — WILK CASPERSON, MARIPOSA POR UMA NOITE	36
CAPÍTULO V — «NÃO O CONHEÇO, SENHOR»	42
CAPÍTULO VI — O PALHAÇO VERMELHO	48
CAPÍTULO VII — UMA MENSAGEM DE A. S.	55
CAPÍTULO XVIII — UMA QUESTÃO EMBRULHADA	61
CAPÍTULO IX — «PROCUREM USHI: ELE SABE»	68
CAPÍTULO X — «PAGO»	74
CAPÍTULO XI — USHI FALA	81
CAPÍTULO XII — CAÇA NA CIDADE	87
CAPÍTULO XIII — SILVESTER, HOMEM MISTERIOSO.	94
CAPÍTULO XIV — A OUTRA MARIPOSA AMARELA	101
CAPÍTULO XV — UMA PROPOSTA EMBARAÇOSA	106
CAPÍTULO XVI — ATRAIÇOADO	111
CAPÍTULO XVII — OS LADRÕES ZANGAM-SE	118

CAPÍTULO XVIII — UMAS QUANTAS TEORIAS	125
CAPÍTULO XIX — DESFIANDO A MEADA	131
CAPÍTULO XX — VERGÍLIA OU ORALIA?	138
CAPÍTULO XXI — O HOMEM DA PORTA	145
CAPÍTULO XXII — MAS QUEM ERA O LADRÃO?	148
CAPÍTULO XXIII — E O RELÓGIO DEU A UMA	150
CAPÍTULO XXIV — BARTON, REDACTOR DO <i>CORREIO</i> , É INCUMBIDO DE UMA MISSÃO DIFÍCIL	155
CAPÍTULO XXV — UMA VOLTA PELO BAIRRO DA ZONA NORTE	163
CAPÍTULO XXVI — UMA DESCOBERTA	169
CAPÍTULO XXVII — VOZES FEMININAS	174
CAPÍTULO XXVIII — AO TERCEIRO TOQUE	180
CAPÍTULO XXIX — UMA FLOR QUE DESABROCHA	184
CAPÍTULO XXX — INFORMAÇÕES SURPREENDENTES	191
CAPÍTULO XXXI — UMA BRINCADEIRA À CUSTA DE LI HWEI TSUNG	197
CAPÍTULO XXXII — TSUNG FAZ UM TELEFONEMA	203
CAPÍTULO XXXIII — «SAVEGEAU»	208
CAPÍTULO XXXIV — TERÇAM-SE ESPADAS	213
CAPÍTULO XXXV — UMA CONVERSA TELEFÓNICA	219
CAPÍTULO XXXVI — FALA O PROFESSOR CHAN FU	224
CAPÍTULO XXXVII — QUANDO O TELEFONE TOCOU	232
CAPÍTULO XXXVIII — UMA CONVERSA SOBRE AMOR	237
CAPÍTULO XXXIX — «EDIÇÃO EXTRAORDINÁRIA»	243
CAPÍTULO XL — ENCONTRO INESPERADO	249

CAPÍTULO XLI — VIRA-SE O JOGO	254
CAPÍTULO XLII — UMA QUESTÃO DE ALTA VELOCIDADE	259
CAPÍTULO XLIII — DOCUMENTO POR DOCUMENTO	265
CAPÍTULO XLIX — E O RELÓGIO DEU AS QUATRO	271
CAPÍTULO XLV — EM QUE O SENHOR EUSTÁQUIO ANNESLEY FAZ UMA DESCOBERTA DESCONCER- TANTE	280
CAPÍTULO XLVI — QUANDO SE QUEBROU O FIO	284
CAPÍTULO XLVII — A EXPLICAÇÃO	291
CAPÍTULO XLVIII — UM ÊXITO FORMIDÁVEL	297
CAPÍTULO XLIX — UMA OFERTA DE TRABALHO	304
CAPÍTULO L — UM SER PROSCRITO	311
CAPÍTULO LI — UMA EXPERIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA	318
CAPÍTULO LII — RÚIDO DE PASSOS	325
CAPÍTULO LIII — A VOZ DO CORREDOR	330
CAPÍTULO LIV — A CHEGADA DA ALVORADA	333

CAPÍTULO I
TRÊS CAVALHEIROS

Na cela quadrada e ampla dos condenados à morte, quatro homens, de nacionalidades diferentes, encontravam-se inesperadamente cabisbaixos e silenciosos, evidenciando o aniquilamento peculiar daquelas tristes horas.

McCaigh, o americano, passeava lentamente pelo compartimento, enquanto o seu olhar pousava, distraído, na pesada porta de carvalho, com o seu postigo gradeado, ou na lâmpada que iluminava a cela e os móveis regulamentares toscos: cadeiras, uma mesa quadrada, a cama e uma esteira.

O inglês Eastwood, o mais novo dos quatro, estava sentado numa daquelas cadeiras feitas na oficina da prisão e, enquanto os seus dedos brincavam nervosamente, olhava como que fascinado para Shanahan, o carcereiro ruivo, encarregado de vigiá-los durante aquela noite, a última que passariam na terra. O rosto delicado do inglês, pálido por causa do prolongado encarceramento e da ansiedade padecida durante os interrogatórios, parecia naquela noite mais branco do que nunca à luz da lâmpada. Mas apesar da sua palidez irradiava-se dele simpatia e nos seus olhos brilhava uma chama de idealismo.

Krenwicz, o único dos três que parecia realmente estrangeiro, estava deitado na cama e fumava um

cigarro. O seu rosto, delgado e barbudo, tinha uma expressão de russo inteligente e ascético, e não aparentava mais de quarenta e cinco anos. Do sítio onde descansava Krenwicz, vestido com o macacão azul de presidiário, podia ver-se, através do postigo da porta, um corredor e ao fim deste um compartimento grande, escassamente iluminado por uma lampadazinha verde. No centro do compartimento elevava-se uma plataforma na qual havia uma cadeira de aspecto infernal, coberta de níquel, cobre, couro e com suportes de borracha. Mas a visão daquela cadeira, que de manhã ia servir para acabar com a sua vida e a dos seus companheiros, não conseguiu alterar a compostura daquele homem anguloso, de faces eslavas, que sorria e fumava tranquilamente, lançando de vez em quando a cinza do seu cigarro num recipiente de latão cravado no solo.

Realmente, o que parecia mais assustado entre aqueles quatro homens era Shanahan, o carcereiro irlandês do Condado de Cork. No seu rosto carnosos reflectiam-se a preocupação e o mal-estar, e o seu corpo pesado revolvia-se sem cessar na poltrona.

McCaigh, o que passeava pela cela, foi o primeiro a romper o silêncio que tinha descido sobre o grupo:

— Muito bem, meus senhores — disse com bastante calma, com o sorriso despreocupado que durante o julgamento lhe tinha valido a alcunha de «Homem de ferro», mas que parecia forçada comparado com o sorriso espontâneo de Krenwicz —, restam-nos ainda umas nove horas de vida. Que lhes parece que façamos neste glorioso serão que o estado de Nova Iorque teve a amabilidade de permitir que passássemos reunidos?

— Quase todos que estão neste transe jogam às cartas — disse Shanahan, nervosamente.

Depois de uma pausa, continuou:

— Aí, na gaveta da mesa, há um baralho.

Calou-se, um pouco retraído pela tranquilidade dos três homens que pareciam três cavalheiros distintos, de uma esfera social muito superior à daqueles com que ele costumava tratar.

Voltou a reinar um silêncio absoluto. Não havia maneira de entabular uma conversação e só se ouvia o tic-tac monótono de um relógio que pendia da parede de pedra, que ressoava como o rumorejar longínquo de um bosque monstruoso.

Por fim, Krenwicz começou a falar, sacudindo a cinza do seu décimo cigarro. Na sua pronúncia não se notava o mais leve sotaque estrangeiro.

— Algum de vocês acredita que será possível uma intervenção do governador?

Shanahan respondeu:

— Não queria desiludi-los; mas quando o governador Willets quer intervir não espera pelo último momento. Gostaria que os tivesse ajudado, porque os senhores são uns cavalheiros muito distintos; mas quando se ouve a última badalada da meia-noite antes da... antes da *electrocussão*... enfim, o melhor é não ter mais ilusões. Eu já estou há onze anos no ofício.

— Shanahan tem razão — disse Eastwood, deixando-se cair na cadeira. — Espera-nos a morte — e a voz tornou-se mais rouca. Para mim, será um prazer recebê-la. Ainda mais: se as coisas pudessem voltar a repetir-se, eu faria exactamente o que fiz.

— E eu, o mesmo! — exclamou McCaigh.

— Eu também, meus senhores — disse Krenwicz, e uma nuvem perpassou um momento pelos olhos alegres.

— Quando começar a girar a manivela... — começou a dizer McCaigh, mas interrompeu-se.

Lá fora, no corredor, ouviram-se vozes e o ruído de chaves. Um minuto depois abria-se a porta de carvalho e apareceu no limiar um carcereiro, acompanhado por um

homem de uns sessenta anos, vestido elegantemente de escuro. Levava um sobretudo no braço e no seu rosto estampava-se uma expressão grave e solene.

Shanahan foi o primeiro a erguer-se, tartamudeando:

— É... é sua excelência... o governador Willets!...

Uma tensão esmagadora apoderou-se dos assistentes. O governador deu uns passos na sala, observando com curiosidade os condenados. O carcereiro chamou à parte Shanahan e disse-lhe:

— O governador deseja falar a sós com Eastwood, Krenwicz e McCaigh.

Shanahan dirigiu-se para o corredor e a porta pesada fechou-se atrás dele, com um golpe surdo. O governador fez uma pausa e, deixando-se cair na cadeira de Shanahan, junto à porta, começou a dizer:

— Meus senhores: devem saber que sou o governador Willets, do estado de Nova Iorque. Portanto, conhecem a capacidade que tenho de conceder o perdão a quem o mereça. Mas com franqueza, não encontrei nada que possa levar-me a usar de clemência.

Nos rostos dos três homens reflectiam-se diversas emoções: no de Krenwicz, uma calma absoluta, no de Eastwood, uma sombra de desilusão, e no de McCaigh uma vaga esperança de que, apesar de tudo, pudesse chegar uma solução de qualquer parte.

Depois de uma pausa, o governador Willets continuou:

— Agora, meus senhores, vou ser breve. O que tenho a comunicar-lhes posso dizê-lo em cinco minutos. Eastwood, Krenwicz e McCaigh: vocês três, hoje de madrugada, pagarão com as vossas vidas o assassinio de Howard Creynell, que se cometeu na noite de 11 de Junho.

Pelos rostos dos três ouvintes perpassou uma sombra quase semelhante a um desafio amargo e singular. O governador prosseguiu, imperturbável:

— Vou recordar, em poucas palavras, o caso: na noite de 11 de Junho, Howard Creynell, pertencente ao Clube de Escritores e Artistas da Cidade de Nova Iorque, foi assassinado a tiro nos seus aposentos do *Belgravia*, às onze e um quarto da noite, quando acabava de abrir a porta de sua casa e acendia a lâmpada da biblioteca. Uma patrulha da polícia passava naquele momento junto ao *Belgravia* e os seus elementos cercaram o lugar do crime. Você, McCaigh, que é um homem familiarizado com as nossas leis; você, que é autor das nossas melhores novelas de intriga e mistério, foi surpreendido no momento em que se deixava cair da escada de serviço para a rua, com o revólver ainda na mão. No interrogatório, confessou que tinha estado horas seguidas naquela escada, junto à janela da biblioteca onde Howard Creynell foi assassinado.

O governador Willets voltou-se depois para Eastwood:

— E você, Eastwood, súbdito inglês, foi surpreendido pela polícia escondido atrás de um biombo japonês. Você, que é um homem cuja fama literária se estende por toda a América como por toda a Inglaterra; você, que é autor de mais de mil novelas, qual delas a mais original e estranha, que se publicaram com a mesma difusão no nosso país como na sua pátria; um homem que ganhou o prémio de cinco mil guinéus oferecido pela *Mercúrio* para o conto mais original do ano... você, Eastwood, tinha na mão um revólver com vários invólucros vazios, assim como um molho de chaves com as quais abriu passagem, naqueles aposentos, para se esconder atrás do biombo.

O governador fez uma pausa. Dirigiu-se, depois, a Krenwicz:

— E você, Krenwicz, um homem que veio para este país emigrado da Rússia; um homem que conseguiu dominar a nossa língua de tal forma, que pôde iniciar

uma brilhante carreira como jornalista; um homem que escreveu uma novela tão sensacional como *O Vaso de Jade* (não era este o título?), e uma comédia que obteve tanto êxito, *A filha de Chow-Chin*, e que antes da sua prisão se tinha comprometido a escrever outra para uma célebre atriz chinesa, Sarah Ying, que trabalha em São Francisco; você, Krenwicz — repetiu o governador, abanando tristemente a cabeça — você, que tinha conseguido tudo isso aos quarenta e cinco anos, esteve sentado numa poltrona, no meio da obscuridade, em frente à lâmpada, para poder assassinar Howard Creynell, no momento em que este fosse acender a luz. Você não sabia que Eastwood estava atrás daquele biombo, no meio da habitação, nem que tinha estado ali meio adormecido enquanto você entrava pela porta de serviço. Também não sabia que McCaigh estava empoleirado na escada de emergência, esperando igualmente que Howard Creynell voltasse e acendesse a luz. Você tinha dito a Parkins, o criado de Creynell, que era um primo do patrão, chegado de Siracusa, e que queria sentar-se a fumar na cozinha para surpreender Creynell no seu regresso. Quando Parkins se foi embora, você introduziu-se na biblioteca e sentou-se na poltrona. E vamos ver se consigo surpreender Creynell! No momento em que a Polícia entrava na dependência, você entregou-se, tendo ainda na mão o próprio revólver, com duas ou três balas disparadas. O governador prosseguiu, implacável:

— Durante o julgamento descobriram-se alguns elementos que provaram que dois de vocês assassinaram Creynell. Sim — acrescentou, olhando-os alternativamente —, só dois de vocês mataram Creynell, porque não se encontraram mais do que dois projecteis no cadáver. Não se descobriu nenhuma bala nas paredes nem nos móveis da habitação e as pessoas que

estavam no *Belgravia*, naquela noite, não ouviram senão duas detonações. No auto da ocorrência não consta uma terceira bala. Dispararam-se duas, apenas duas. Com o nervosismo, um de vocês julgou ter disparado, sem o ter feito, porém. E sabemos que dois de vocês utilizaram revólveres que tinham já vários invólucros vazios.

O governador fez uma pausa e depois mudou repentinamente de tom:

— Durante o julgamento descobriu-se por que motivo dois dos melhores escritores americanos e um literato inglês tentaram matar um dos seus companheiros de clube que era um apaixonado – um diletante – da literatura.

»Creynell, que estava bêbado, naquela noite, no Clube de Escritores e Artistas, enquanto jogava cartas convosco, contou-lhes, com toda a franqueza, que tinha relações com uma mulher, quase uma criança, que estava louca por ele. Não disse o nome da rapariga, e é possível que por isso esse nome não fosse citado durante o julgamento. No entanto, vocês declararam durante o interrogatório que aquela rapariga lhes havia sido apresentada, na noite anterior, no teatro *New Amsterdam*, durante um intervalo da comédia de Krenwicz, *A filha de Chow-Chin*. Era uma rapariga muito nova, de aspecto inocente. Durante a partida de cartas convosco, Creynell contou-lhes que tinha prometido casamento à rapariga, mas que na realidade não tinha outra intenção senão aproveitar-se da sua louca admiração por ele. Acrescentou que se encontravam numa casa da rua 55, de duvidosa reputação.

»Vocês confessaram perante o tribunal que sabiam que Creynell era casado e que estava a arrastar aquela rapariga para a perdição. Declararam, também, ter pensado, cada qual por seu lado, que semelhante víbora

– assim o classificaram – devia ser destruída, para proteger aquela rapariga e outras semelhantes.

»McCaigh: Creynell desencaminhou uma vez outra rapariga que você amava. Desde então cultivou um ódio profundo contra aquele homem.

»Quanto a si, Krenwicz, Creynel tinha desgraçado uma pobre pequena do bairro russo. Era sua prima e essa era a razão do seu ódio contra Creynell.

»E você, Eastwood, não passava de um idealista louco que, como você mesmo declarou, queria livrar o mundo daquela víbora. E cada um de vocês, agindo independentemente e desconhecendo as intenções dos outros, preparou-se para entrar naquela noite nos aposentos de Creynell e tirar-lhe a vida.

O governador fez nova pausa e depois prosseguiu:

— Vocês, meus senhores, conhecem a sentença do tribunal tão bem como eu. Nenhum de vós se resolve a declarar que não disparou a arma. Por obstinação ou por idealismo, vão parar à cadeira eléctrica, por não querer aproveitar essa saída. Dificultaram o trabalho do júri ao não querer revelar a identidade da rapariga em questão; declararam que a tinham visto e que haviam falado com ela, mas que Creynell tivera o cuidado de não dar o seu nome no momento da apresentação. Isso é uma parvoíce! Dois de vocês assassinaram Creynell, sim, *assassinaram*, meus senhores, e não pensem que vão fazer justiça por vossas próprias mãos neste estado enquanto eu for seu governador.

»Não, meus senhores, não obterão jamais o meu perdão. Pois foi um assassinio em toda a extensão da palavra, talvez justificado ante a vossa consciência, mas não perante a Lei.

O governador levantou-se e olhou para o relógio; tirou do bolso do casaco um documento cuidadosamente dobrado e pô-lo sobre a mesa, dizendo:

— Tenho de me retirar. McCaigh, Eastwood e Krenwicz: um de vós não disparou na noite de 11 de Junho. Esse homem, seja quem for, não precisa de ir para a cadeira eléctrica, se se quiser absolver a si mesmo. Está aqui um indulto assinado por mim. A primeira linha está em branco e têm de decidir quem porá nela o nome. Vocês sabem quem disparou e quem não disparou, naquela noite. Nem a Lei, nem a Polícia, nem eu sabemos. E o morto, se o sabe, não o pode dizer.

Voltou-se e premiu um botão que estava junto da porta de carvalho:

— Dentro de dez minutos mandarei voltar o guarda. Ao sair, deixarei ao vigilante uma carta selada que abrirá uns minutos antes de... antes da electrocussão, e ele comunicar-lhes-á que um de vós recebeu entretanto o perdão oficial e que o documento está na mão do seu legítimo possuidor.

Ao soar a campainha, apareceu o carcereiro e uns momentos depois abriu-se a porta.

— Dentro de dez minutos, vá buscar o guarda — ordenou-lhe o governador.

A porta fechou-se atrás dele e durante uns minutos ouviu-se o ruído dos seus passos no cimento do corredor. Os três homens ficaram sós.

Nenhum quebrou o silêncio.

Ao cabo do algum tempo, McCaigh, «O homem de ferro», disse:

— Meus senhores: esta mesma irritante pergunta nos foi feita um ror de vezes durante os interrogatórios; então não podíamos culpar dos tiros dois de nós e deixar livre o outro. Aqui temos um indulto: significa a vida de um dos três. Não temos o direito de destruir este documento. Creynell morreu: a víbora está esmagada. Era o fim que perseguíamos.

Fez uma pausa.